

SURYOYE

ܣܘܪܝܝܐ

SÃO PAULO - FEVEREIRO/2017

NESTA EDIÇÃO:

ORAÇÃO
INICIAL 1HISTÓRIA
DA IGREJA—
O CONCÍLIO DE
NICÉIA 2RITUALÍSTICA—
OS CASTIÇAIS
MÓVEIS 4CULTURA
ORIENTAL -
A BAKLAVA 6SIGNIFICADO
DE NOME 8ORAÇÕES DE
S. JACÓ DE
SERUG 8

MAIS CULTURA 10

TEXTOS 12
EM a
ARAMAICO 14

ORAÇÃO INICIAL

A Ti Senhor Deus Clamamos
(lokħ morio qorenan)

A Ti Senhor Deus clamamos
Vem nos socorrer!
Eis que o malvado em seu engodo
Engana ao mundo:
Espalha guerra entre as nações,
Engana aos juízes,
E se puder, até os eleitos
Do caminho desviará, como escrito!
Em quem Senhor, podemos nos abrigar
Se não for em Tua Misericórdia?
Afasta o malvado de nós
Pelo sinal de Tua Cruz!



Igreja de Santo Efrem, Sé Metropolitana da Igreja Siriana Ortodoxa em Mosul - após destruição pelos muçulmanos em 2016. Planície de Nínive (Mosul / Iraque)

ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ
ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ
ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ - ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ
ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ
ܡܠܟܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ ܕܥܠܡܐ

(origem: *Livro das orações da Semana Comum da Igreja Siríaca de Antioquia* - oração do entardecer da quarta-feira - Impresso no Mosteiro de São Marcos. Jerusalém, 1936).

INFORMATIVO
SURYOYE

Suryoye é um órgão de divulgação interna da Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria.

Artigos - Peter Sowmy
Revisão - Aniss Sowmy

IGREJA SIRIACA ORTODOXA

Na Igreja Siríaca Ortodoxa de Santa Maria as missas são rezadas em aramaico e português, aos Domingos às 11h00 na Rua Padre Mussa Tuma, 3, bairro Vila Clementino, São Paulo/SP.

Contatos: igrejasirian@gmail.com , telefone (11) 5581-6250.

ESTAMOS NA WEB

WWW.IGREJASIRIANSANTAMARIA.ORG.BR

HISTÓRIA DA IGREJA - O CONCÍLIO DE NICÉIA

Quem já entrou em nosso site (www.igrejasiriansantamaria.org.br) e foi na divisão RELIGIOSA e abriu Ensina-mentos, logo se depara com o artigo escrito NO QUE CREMOS que é a base da nossa fé, da fé da nossa Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia.

Isso foi extraído de um texto que, durante qualquer missa ou cerimônia, nós, fiéis da Igreja, declaramos; é a nossa declaração de fé. O texto conhecido no idioma português também como “Credo” é a declaração que cada fiel deverá fazer uma vez ao dia pois, através dela, confessamos nossa fé da “Glória Certa”, como é conhecida em aramaico “*trissát xúveho*”. Na nossa Igreja, no Oriente e noutras regiões que quiserem também, um diácono o canta, em aramaico, como “*solo musical*” enquanto todo o povo o acompanya a “*sotto você*”

Como surgiu essa “declaração de fé”, esse “Credo”?

Historicamente, sempre houve algum orador que não passasse a informação simples e direta como os discí-pulos de Cristo ensinaram e sempre tomava por base a dialética grega, assim, surgiram diversos sacerdotes, professores e oradores de origem grega ou no mínimo das escolas gregas em Alexandria e depois, de Bizân-cio também, que, através de suas discussões e inferências filosóficas, introduziam dúvidas no pensamento e na fé do povo, o qual na época, podia se abalar com os sofismas gregos (Alexandria era a capital da Provín-cia Romana da África e é um porto importante que fica no Egito, conhecida atualmente como *Iskandaria*). Observemos que outras cidades também foram criadas pelos invasores gregos, tal como Antioquia, donde nossa Igreja tem seu nome. Antioquia era a capital da Província Romana da Síria (hoje, ao lado das ruínas da antiga Antioquia fica a cidade de Antakia na Turquia e localiza-se a 90 Km a noroeste da cidade de Alepo, na Síria). Esta província abarcava uma boa parte da atual Turquia, toda a Síria, todo o Iraque e boa parte do Irã; porém, apesar de fundada e governada por gregos e depois romanos, o povo local tinha convicções firmes e não se deixava levar pela dialética grega, até mesmo porque o povo dessa província falava aramaico enquan-to que no Egito, uma boa parcela do povo falava grego já que consideravam os gregos como professores pa- ra eles enquanto que o povo da Província Síria tinha os gregos e romanos como menos instruídos que eles (o próprio Alexandre, rei da Macedônia, quando faleceu em 323 a.C. ordenou que ao morrer não o levassem à Grécia e que fosse enterrado na Mesopotâmia pois lá era a terra do conhecimento e sabedoria).

Assim, sempre surgiam propagadores de idéias diversas das de Cristo. Um importante, se não o principal propagador de idéias estranhas fora um sacerdote chamado Arios; o qual negava que Jesus Cristo fosse Deus e que, segundo ele, Jesus fora criado por Deus tal como Adão e Eva foram criados por Deus. Arios era cria de escola grega que chegara a Alexandria e por volta de 305 d.C. acabou causando muito estrago no cristianismo da época.

Então, em 325 d.C., houve um Concílio na cidade de Nicéia (hoje, ao lado das ruínas de Nicéia existe a cida-de de Iznik, no Noroeste da Turquia). Neste Concílio, reuniram-se 318 bispos cristãos e, acreditamos que ins-pirados por Deus, definiram o Credo de Nicéia que é a declaração de fé que a Igreja Sirian Ortodoxa de Antio- quia aceita e declara, assim como a Igreja Copta Ortodoxa e suas afiliadas, a Igreja Etíope Ortodoxa e a Igreja Ortodoxa da Eritreia. Nesse credo, declaramos que Deus Pai criou tudo que existe, visível e invisível e que Deus Filho (Jesus Cristo) é da mesma substância que o Pai (consustancial ao Pai) e que o Espírito Santo também é Deus e que veio à Terra para manifestar e divulgar a glória de Deus.

Um hino declarando o Credo dos 318 bispos do Concílio de Nicéia:-

(Logo após o 3º Concílio Universal conhecido como Concílio de Éfeso (realizado em 431 d.C.), esse hino foi escrito como uma confirmação popular do “Credo de Nicéia”).

Para os confins da fé,

Pelos 318 pais¹

Que a eles seguimos:

O Pai que não tem início,

Criador dos altos e das profundezas²

E das (coisas) visíveis e invisíveis;

HISTÓRIA DA IGREJA (cont.)

*E o Filho único que (é) Dele
Teve vida e vestiu-Se com corpo
E homem Se fez
E veio ao nascimento;
E o Espírito Santo, o Paracleto,³
O terceiro da Divindade.
Aleluia
Seja excomungado quem O dividir.⁴*

O nome do hinário que contém esse hino também leva o nome de: “Para os confins da fé” (em aramaico: **Latēhumo dē haimonutho**) e cada hino pode ser cantado com 9 (nove) melodias diferentes com uma prosódia perfeita e sem que a música sofra qualquer distorção melódica ou rítmica. Para quem conhece notação musical ocidental, poderá verificar essas nove melodias que começam na página 122 e terminam no início da página 129, do Volume X da coletânea “**Mardutho dSuryoye**” que se encontra no sítio da Igreja. Esse hino sobre o Concílio de Nicéia é o 3º (páginas 123/124) do hinário (o músico deverá lembrar que os autores do livro decidiram inverter o sentido da leitura da pauta musical, assim, deve-se ler a música no sentido da direita para a esquerda, os tempos, acidentes, andamentos, tudo, fica no lado direito).

Observações:

Alguns termos em aramaico, principalmente os utilizados na Igreja, são subentendidos e não são escritos; nesse hino o autor faz uso desse recurso duas vezes e os termos subentendidos figuram entre parênteses.

¹Em aramaico “*abohotho*” é plural de “*abo*”. Enquanto que “*abo*” se utiliza sempre para significar “pai”, “*abohotho*” se utiliza somente no sentido de pais eclesiásticos (santos, sacerdotes, padres, bispos, episcopos, patriarcas).

²Ou seja: Deus que criou desde os Céus até as profundezas.

³Paracleto, há duas interpretações deste termo, o significado grego e aceito universalmente pelas Igrejas Basilares (Antioquina, Alexandrina, Bizantina e Romana) e que se traduz por “Consolador” e uma interpretação somente da Igreja de Antioquia (e suas ramificações) que em aramaico significa “aquele que separa o malvado, aquele que afasta Satanás” (**paraq+lito**).

⁴Essa fórmula “*seja excomungado quem...*” (ou “*seja amaldiçoado quem...*”) é muito comum nas orações antigas, pré-cristãs, da Fenícia (atual Líbano e Síria), Aram-paddan (Síria) e Beth Nahrin (Mesopotâmia) e entrou na Igreja de Antioquia. Vimos isso em números anteriores de *Suryoye*.

Para saber mais:

- 1) Site da Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria – No Que Cremos -
<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/cremos.htm> (acesso em 10/jan/2017)
- 2) Sobre heresia de Arios: - in: **Suryoye** nr 55 – agosto / 2012
<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye55.pdf> (acesso em 10/jan/2017)
- 3) Sobre a fórmula de excomunhão e/ou amaldiçoamento v. Cultura Oriental – in: **Suryoye** nr 55 – agosto / 2012

HISTÓRIA DA IGREJA (cont.)

<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/jornalsuryoye/suryoye55.pdf> (acesso em 10/jan/2017)

4) Hinário **Latêhumo dê haimonutho** in Mardutho dSuryoye, página 123, vol X – A Música-
Ibrahim Gabriel Sowmy e Basim Ibrahim Gabriel Sowmy -

<http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/partituras/marduthodsuryoyevolx.pdf> (acesso em 10/jan/2017)

Ensinamentos de Nossos Mestres

Aquele que corrige seu irmão em privado cura seu mal e quem o acusa em público exacerba suas feridas. (Isaque de Nínive – séc. VII d.C.)

(“De S. Isaaci Ninivite – Vita, Scriptis et Doctrina”. Louvain, 1892)

RITUALÍSTICA - OS CASTIÇAIS MÓVEIS

Os castiçais móveis, aqueles que dois diáconos ou sacerdotes carregam e os movimentam durante a missa ou outras cerimônias, são parte importante da ritualística da Igreja de Antioquia.

A origem dos castiçais móveis eram as tochas que acompanhavam os reis assírios durante as procissões pelos templos, isso, no tempo do paganismo. O uso dessas tochas foi depois copiado por outros povos que sofreram influências da cultura assíria, da cultura autóctone do norte da Mesopotâmia e podemos citar entre essas que sofreram a influência assíria, com certeza, a cultura dos judeus que de certa forma, interessa aos cristãos em geral. Vemos no Antigo Testamento que o salmista, no seu hino 118, no versículo 105 assim cantava: “tocha é Tua palavra para meus pés e luz para minha senda” (em aramaico: **xëroghoi melëthokh lëreghlai u nuhëro laxëvilai**)¹. No tempo do cristianismo, as tochas móveis haviam se transformado em velas que eram suportadas por castiçais. Hoje temos castiçais com cabos longos transportados pelos diáconos ou sacerdotes, conforme citado acima.

Ainda que a função do castiçal móvel seja primordialmente a iluminação móvel que possibili-

ta a leitura ao sacerdote, quando este se movimenta; desde tempos imemoráveis, as velas traziam outros significados às diversas partes das cerimônias religiosas e nossos antepassados orientais transportaram consigo, do paganismo ao cristianismo, esses significados, dando significado espiritual (e religioso) aos objetos que outros cristãos e judeus somente utilizavam como objetos funcionais físicos ou artísticos; dessa maneira, os assírios, além das funções básicas, física (iluminação) e artística (castiçal como objeto de arte), ainda lhe atribuíam um valor espiritual. Foi o próprio Jesus Cristo quem nos informou “*não espereis que eu tenha vindo abolir a lei ou os profetas, não vim para abolir mas para complementar.*” (Mateus 5, 11) ou seja, Cristo não viera para mudar o significado tradicional estabelecido; ao contrário, Ele o aceitava e complementava com mais significados durante sua primeira vinda.

Para os assírios, a luz das velas não era somente a iluminação física; também era a iluminação divina que a mente humana necessitava para a total compreensão da mensagem divina. Assim, para nós da Igreja Antioquina, é importante a posição da vela a cada momento de sua partici-

RITUALÍSTICA (cont.)

pação na cerimônia. Vejamos então alguns momentos dessa participação, no caso, a do castiçal móvel com a vela acesa, durante a missa.

- 1) O diácono que porta o castiçal móvel deverá acompanhar o sacerdote nos seus movimentos de ir e vir. Um desses movimentos é quando o sacerdote deixa o altar e se dirige ao púlpito para a leitura do Evangelho. Os diáconos deverão acompanhar o sacerdote até o púlpito, depois, deverão virar-se para que um fique voltado de frente ao outro e o púlpito entre ambos e eles posicionarão o castiçal no vértice frontal do púlpito, assim, quem estiver olhando para o sacerdote verá a iluminação saindo do Evangelho pois essa iluminação simboliza a Sabedoria Divina que o Evangelho está levando a todos que nele se detém e colocam sua mente.
- 2) Outro movimento é quando o sacerdote levanta o cálice e a pátina com o vinho e o pão, estando ele voltado com as costas para o povo, ou seja, apresentando o corpo e o sangue de Cristo ao próprio Cristo, então os diáconos com os castiçais móveis, levantam os castiçais afastando-os do chão e usam o primeiro degrau do altar como suporte aos castiçais; esse degrau fica abaixo do degrau onde o sacerdote está realizando a oferenda. Os castiçais ficam nesse degrau até que o povo inicia o canto “*conosco amin, pelas oferendas e orações...*” (em aramaico: **a'aman ámin bêqûrbone ubaSêlauotho nedhêkhar...**) então o sacerdote volta o cálice e a pátina para suas posições originais depositando-os sobre a mesa do altar (em aramaico: **Tevêloitho**) e os diáconos com os castiçais móveis também descem os castiçais do primeiro degrau suportando-os novamente so-

bre o chão do altar. Essa posição do castiçal sobre o primeiro degrau do altar simboliza a Luz que se eleva com o Corpo e Sangue de Cristo para retornar divinizado e ser ministrado ao povo.

- 3) Um terceiro movimento é quando o sacerdote irá ministrar a comunhão aos fiéis. Agora, os diáconos que portam os castiçais móveis acompanham o sacerdote desde que desce do altar e se dirige ao povo, enquanto ele, sacerdote, entoa a oração de súplica. Ambos diáconos se colocam alinhados com o sacerdote porém os castiçais deverão ficar um pouco à frente alinhados com o cálice e a pátina que estão nas mãos do sacerdote. Em seguida, o diácono que estiver à direita do sacerdote deverá acompanhá-lo até o altar onde ele depositará somente o cálice e trará consigo a pátina com a eucaristia que será ministrada ao povo. O diácono à direita do sacerdote deverá retornar e ficar alinhado com o diácono da esquerda que esteve imóvel. Aqui as velas simbolizam a iluminação divina proveniente da eucaristia, a consubstanciação do pão e vinho, do corpo e sangue de Deus Filho, o Cristo que deu sua vida para nos salvar.

Observações:

- ¹ O salmo 118 na versão aramaica, transformou-se no salmo 119 na versão grega e da qual foi revertido ao hebraico no século 10º do cristianismo (a Bíblia mais antiga em hebraico é desta época e não há qualquer versão em hebraico anterior a Cristo, como muitos julgam. Todas as versões do Antigo Testamento, anteriores a Cristo são versões em aramaico, chamadas Targumim).

Palavras da Bíblia

Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. **E** repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor.

Profecia de Isaías - capítulo 11º

CULTURA ORIENTAL – A Baklava

Neste tema vamos deixar de lado, pelo menos temporariamente, os alimentos “salgados” e vamos abordar um pouco um alimento doce, uma iguaria doce; afinal, como dizia um confeitiro amigo meu, o ser humano gosta de variar os sabores e por isso quando já tinha o mel correu atrás de algo diferente e descobriu o sal e começou a utilizá-lo nos diversos alimentos.

Muitos de nós apreciam os diversos doces da culinária síria (alguns ainda insistem em chamá-la de árabe, apesar de termos demonstrado que nunca poderiam os alimentos até agora abordados terem sua origem na Arábia que é um deserto). Quem não aprecia uma boa “baqulaua”? (também conhecida por “baklava”). Então, vamos à baqulawa.

Assim como no caso do “falafel” (v. Suryoye nr. 77), em que vimos uma controvérsia entre libaneses e israelenses, aqui a controvérsia da origem é entre turcos e gregos.

A baqulaua é um doce cuja base é a massa folhada (em geral 2 camadas), sobre a qual é colocada uma mistura de nozes picadas com canela em pó ou uma mistura de pistáchio ralado com canela em pó e tudo é recoberto com outra camada de massa folhada (também 2 camadas) e assim sucessivamente até formar algo como 8 camadas de massa folhada sendo que essa última camada é a tampa e não se coloca mais a mistura de nozes com canela (ou pistáchio com canela). Cada camada de massa folhada é untada com manteiga ou óleo vegetal. Tudo isso é colocado numa travessa anteriormente untada, em seguida, tudo é cortado, geralmente em losângos ou triângulos e a travessa que contém tudo isso é levada ao forno para assar. Quando estiver quase pronta (quase assada), joga-se mel sobre a última camada e deixa-se assar em fogo brando por mais metade do tempo inicial. O cuidado é para que não se deixe queimar. Depois é só deixar esfriar e teremos um delicioso doce.

Existem diversas receitas nas quais se substituem as nozes por avelãs, também muito comuns no Oriente Médio e Europa; além disso, o formato pode ser de “trouxinha” porém, nesse caso, a última camada é de nozes picadas com canela (ou pistáchios ou avelãs com canela) e não terá a camada de massa folhada de cobertura (tampa).

Qual a origem desse elaborado doce?

A origem da baqulaua traz muita dúvida, apesar de alguns chefes de culinária e autores jogarem essa origem para um lado ou outro do estreito do Bósforo e tal variação parece andar de acordo com quem o chefe ou o autor quiser agradar ou ainda, donde ele colheu a informação.

Nós devemos fazer nossa pesquisa isenta de paixões para verificarmos qual dos dois estará com a razão ou, talvez, nenhum deles. Como sempre se faz no ocidente, partiremos dos nomes dos ingredientes para tentarmos definir a origem do alimento (por exemplo, bolo de fubá, bolo de chocolate, bolinho de côco etc). Os principais ingredientes da baqulaua são: nozes / pistáchio / avelã, canela, mel e massa folhada. Se olharmos os nomes desses ingredientes em grego (*carúdia* / *fistíki* / *funtúqui*, *kanela*, *meli*, *zíme sefoliatas*) ou em turco (*tcheviz* / *fistik* / *fendík*, *tartchín*, *bal*, *intche hamur*) veremos que nada se parece com baqulaua / baklava.

Partamos então para o nosso método oriental em que o processo de confeccionar o alimento é que dá nome ao alimento (por exemplo, tabuli, falafel etc). O processo de se fazer a baklava; seguindo o mesmo processo mental de outros alimentos é o de “assar” e este se diz *psíno* (em grego) e *ferendá pichirmek* (em turco). Nada parecido. Se em vez de assar, tomássemos o radical árabe para fritar (*qália*), já está parecido com “ba-qla-wa” (ba-qalia-wa), contudo, em grego teríamos “*maridá*” (pode ser também: *yonô*) e em turco “*kezartmá*”. Novamente, nada parecido em grego e turco. Só que agora, nos aproximamos do árabe, do verbo “fritar” em árabe! O problema que temos em mãos é que o processo de fazer a massa folhada e de confeccionar o doce (a baklava) não é de fritar mas de assar e este verbo, assar, em árabe é “*khábaza*” e no árabe popular da Mesopotâmia, Síria e adjacências é “*sálaqa*” (nesse caso, até mesmo por influência do aramaico, “*sálaqa*”, proveniente de “*xelaq*” em aramaico, significa: ferver). Voltamos ao marco zero.

CULTURA ORIENTAL - A Baklava(cont.)

Nos outros estudos de cultura alimentar, partimos para o aramaico ou assírio-aramaico já que o aramaico é posterior ao assírio e pode ser considerado uma “modificação” do assírio. Como seria o nome dos ingredientes básicos? Temos: noz – *gáuzo* / pistáchio – *pesteqo* / avelã – *bundoqo malekoio*, canela – *síndagh* ou *qūnomo*, mel – *devexo*, massa folhada – *láixo qomíao*. Também diferente de “baklava”. Contudo, os gregos e sírios poderiam jurar que se trata de doce grego enquanto que os turcos e chefes de cozinha ingleses e franceses diriam que é um doce turco; dizem até que antropólogos que lecionavam na Universidade de Londres apoiavam a idéia de que a origem seria turca, trazida com os nômades do Turquemenistão das redondezas da Mongólia. O único problema é que o nome *baklava* não “bate” nem com o árabe, nem com o grego e muito menos com o turco.

O processo é de assar.

A diferença entre assar e fritar é que no segundo utilizamos uma camada muito grande de azeite (ou óleo vegetal ou ainda gordura animal) enquanto que no assar, o alimento não tem essa camada grande de azeite; em geral vai numa chapa no fogo, quase sempre untada com manteiga animal ou azeite e esse untar é passado com pano ou seja, ninguém enxerga enquanto que no fritar o azeite ou a manteiga é uma camada grossa e visível. No processo de assar, o untar somente serve para não grudar o alimento na chapa, não serve para assar propriamente; às vezes é até totalmente dispensável.

Vamos interromper o estudo do alimento aqui e retornemos um pouco na história. Vimos em Suryoye nr 78 (página 4) que num de seus rituais os assírios faziam um fogaréu e ao fogareiro ou brazeiro onde se dava isso, chamavam de **kanuni** e o ato de assar o animal oferecido em sacrifício no brazeiro era **maqaluto**. Então, o verbo assar deveria ser **qalo** e, se quisermos dizer “através do assar” diremos **baqalauto**. A terminação “to” indica que a palavra está no feminino, pois, a ação (por exemplo: *fritar*, *assar*, *olhar*, *cheirar* etc) gera um substantivo feminino em assírio-aramaico (não dizemos “o assar”, “o fritar”, “o olhar” e “o cheirar” mas “a assar”, “a fritar”, “a olhar” e “a cheirar”) e mais, na Mesopotâmia, Síria e adjacências, assim como na Turquia, a palavra “baqlawa” é do gênero feminino.

Então, já podemos dizer que “**baqlawa** / **baklava**” é o processo “**baqalauto**” ou seja, “o assar da massa folhada” e que essa iguaria, a *baklava*, teve sua origem no povo mesopotâmico autóctone, no povo assírio que lhe deu o nome pela primeira vez devido ao processo de sua fabricação.

[Observações lingüísticas:

- a) em árabe, o nome “baklava” termina em “t” que indica o feminino porém, esse “t” é pronunciado como um “h” quase mudo e diz-se então: baqláuah;
- b) como o turco, até 1923 não possuía alfabeto próprio, era escrito com letras do alfabeto arábico, ficou o nome “baklava” com a grafia árabe: **baklauah**].



Caixa em confeitaria na cidade de Aleppo / Síria, contendo **baklava** em diversos formatos e sabores.

(foto de 2010)

Significado de Nome

O nome **Simão** é uma modificação do nome **Xema'un** que por sua vez provém do assírio-aramaico. Como todos os nomes orientais, esse também possui um significado. **Xema'un** contudo, é composto por 2 palavras: **xema'** + **un**, a primeira: **xema'** é semita que chegou até nós através do assírio, fenício, aramaico e significa "ouviu"; já a segunda: **un** é um vocábulo sumério e significa "líder, chefe, rei" e também, metafóricamente "Deus"; assim, Simão significa "Deus ouviu" (lembrando que nas línguas semitas: assírio, fenício e aramaico, Deus se diz: **il, el, ia, aloho**). **Xema'un** era o nome original do principal discípulo de Jesus, Pedro.

Leitura recomendada:- Evangelho de S. Lucas, capítulo 6

1) Oração de São Jacó de Serug pelos Sacerdotes Finados

Ó Messias que és

Senhor dos Pontífices

E

Pontífice dos Sacerdotes

Perdoa Teus Sacerdotes

Que serviram Teus mistérios

E

Glória a Ti !

2) Oração de São Jacó de Serug pelos Finados

Glória a Ti

Que dás o descanso

Aos Finados

Em suas sepulturas,

Veste-os

Com a Estola da Glória

No dia

Da Ressurreição.

Jacó de Serug (em aramaico: **Yáaqüb da Serug**) que viveu no século V, capturou a essência da língua aramaica em suas centenas de orações. Seguindo o passo de muitos outros que o antecederam, ele detectou que seria muito útil à Igreja Antioquina as orações cantadas pois, dessa forma, o povo se lembraria delas e as cantaria sempre.

Jacó de Serug é autor de inúmeras melodias das quais, restaram 36 melodias em que uma mesma poesia pode ser cantada (a letra pode ser cantada em todas as melodias que compusera). Todas suas obras foram compostas em aramaico e ainda em vida, viu-as serem adotadas pela Igreja de Antioquia. Até hoje, essas orações são cantadas, em aramaico, em todas as Igrejas Sirian Ortodoxas de Antioquia.

AVISO

A Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria já distribuiu seu calendário religioso para o ano de 2017.

A Diretoria Social solicita de quem não o recebeu que lhe comunique seus dados novamente como segue:

Nome e sobrenome:

Endereço:

Complemento:

CEP:

e-mail:

(DDD) e Telefone:

Enviar dados para: contato@igrejasiriansantamaria.org.br

A Quaresma (**Sáumo Rabo** - Grande Jejum- em aramaico) começa dia 26 de fevereiro e vai até 8 de abril. Durante esse período, o fiel da Igreja Sirian Ortodoxa de Antioquia deverá abster-se de todos os alimentos que contenham produtos provenientes de animais (carne, ovos, leite etc). De todos os animais, somente os peixes são permitidos.

O jejum é recomendado para todos os fiéis e durante esse período, o fiel deverá abster-se de ingerir qualquer alimento; ele começa no raiar do sol (entre 5 e 6 horas da manhã) e termina ao sol se por (entre 17:30 horas e 18 horas). Antes de o sol raiar e após ele desaparecer no horizonte, o fiel poderá ingerir os alimentos recomendados na abstinência.

No Oriente e em muitos países, hoje, os fiéis economizam a refeição do almoço e doam-na ou seu valor aos necessitados. É uma pequena contribuição para cada um que a Igreja recolhe e dá aos necessitados.

Uma pequena contribuição de cada fiel é uma ajuda muito grande a quem necessita. Ajude!

Palavras da Bíblia

Pois, como Jonas esteve no ventre do peixe três dias e três noites, assim estará o Filho do homem no seio da terra três manhãs e três noites.

Os ninivitas ressurgirão para julgarem esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas e eis que está aqui quem é maior do que Jonas. .

Evangelho de S. Mateus - capítulo 12º

MAIS CULTURA ORIENTAL (SURYOYE NR 80)

- 1) No número passado, surgiram alguns comentários sobre o artigo cultural “A maldição do porco” e que vamos analisá-los agora. Foi *malphono* Abrohom Gabriel Sowmy (1913-1996), ao qual já nos referimos diversas vezes, exímio observador dos costumes e tradições dos assírios em seu tempo, quem nos alertou a respeito desse costume. Relatava-nos em suas palestras que após o Sáfio, as moças assírias que descenderam de Tur Abdin para a Palestina (Jerusalém, Belém, Nazaré etc) bem como para a Síria, Líbano e adjacências, nas décadas dos anos 20, 30 e 40 do século passado, mantinham a tradição de não se casarem no mês de “*Heziron*” pois acreditavam que teriam má sorte. Era assim também em suas vilas e cidades de nascimento, em Tur Abdin, ou seja na parte da Antiga Assíria que se localiza na Mesopotâmia ocidental do norte (atualmente no sudeste da Turquia). Elas mantinham a tradição de seus antepassados pagãos de que o mês de “*Heziron*” era um mês aziago.
- 2) Outro detalhe que chama a atenção é uma cantiga de roda no Brasil que acreditamos ser de origem portuguesa. Qualquer criança no Brasil a conhece. Trata-se da música do pastorzinho:

“Havia um pastorzinho que andava a pastorear

Um dia saiu de sua casa e pôs-se a cantar

Do-ré-mi-fá, fá-fá

Do-ré-do-ré, ré-ré

Do-sol-fa-mi, mi-mi,

Do-ré-mi-fá, fá-fá

Chegando ao palácio a princesa lhe falou

Alegre pastorzinho o teu canto me agradou

Do-ré-mi-fá, fá-fá

Do-ré-do-ré, ré-ré

Do-sol-fa-mi, mi-mi,

Do-ré-mi-fá, fá-fá”.

Observemos a coincidência entre essa cantiga de roda e o mito de *Ixtar*; ou haveria aí uma semelhança? Lá estão todos os elementos básicos do mito de *Ixtar* e *Tamuz*: há o pastor (*Tamuz*) que estava despreocupado cantando e há uma princesa, não uma rainha mas tão somente uma princesa (*Ixtar*) e ela, como que “do nada”, fala com o pastor ou seja, ela quer “puxar conversa” com o pastor; e por que haveria uma princesa de conversar com um pastor? Seria por interesse material? Ou seria por amor? Porque interesse material não pode haver, afinal, ela é uma princesa e ele nada mais que um pastor que nada possui para oferecer à princesa exceto sua dedicação, seu amor, que ela quer. É essa a situação entre *Ixtar* e *Tamuz*; ela, que é filha do Deus supremo (*Anu*), apaixona-se intensa e gratuitamente por ele, um simples pastor e ele lhe dá seu amor.

Claro que a cantiga é de roda e para aí, pois, uma criança não poderia entender o ciclo de vida e morte e ressurreição, daí que na cantiga, não há javali e nem o pastor morre e nem a princesa sai à sua procura.

Seria isso apenas uma especulação? Nada mais que uma conjectura sem chance de acerto? Ou haveria algum fundo de verdade escondido? Lembremos que muitas das cantigas de roda inglesas do século XVIII conhecidas como rimas de “*mother goose*” eram críticas a movimentos políticos que não poderiam ser ditos abertamente (por exemplo: “*Jack and Jill went up the hill to fetch a pail of water, Jack fell down and broke his crown and Jill came tumbling after*” – aqui Jack refere-se ao rei Jaime I da Inglaterra e o cognome de James é Jack, proveniente do francês Jacques, rei esse que numa tentativa

de invadir a Escócia, que é montanhosa, fora derrotado e correu de volta para a Inglaterra). Observe-mos como o autor da cantiga inglesa detalhou a derrota do rei James: - *Jack fell down and broke his crown* - e em seguida, a rápida retirada das montanhas da Escócia: -*and Jill came tumbling after*”- tudo descrito de forma “inocente” como se duas crianças estivessem brincando. Muito sutil.

Outro detalhe interessante, ainda com relação a cantigas de roda. Há uma que os portugueses trouxeram ao Brasil:

“Capelinha de melão, é de cravo é de rosa é de manjerição...”. Alguns pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), no início dos anos 1980, pesquisaram o que significavam esses três elementos juntos (cravo / rosa / manjerição) e descobriram que em determinadas proporções forneciam um poderoso antiséptico. Concluíram então que dalguma forma, a memória popular, através de uma cantiga infantil, preservara uma fórmula médica. O comentário do resultado fora publicado na revista da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência (Ciência Hoje).

Voltando então com esses dados para a nossa cantiga, talvez, a cantiga da Princesa e do Pastorzinho fosse realmente uma modificação do mito assírio de *Ixtar* e *Tamuz* que ficara subjacente na memória do povo ibérico, mito esse levado pelos navegantes semitas (fenícios) pelo Mar Mediterrâneo até a Espanha e Portugal pois, tais navegantes fenícios lá chegavam entre 800 a.C. e 300 d.C. para negociar suas mercadorias com o povo local e tal mito ressurgiu um milênio depois, não como mitologia pois o povo já era cristão mas como cantiga de roda e acabou achando seu caminho até o Brasil.

- 3) Alguns leitores perguntaram sobre a carne de porco como alimento no Egito antigo. Como todas as receitas, até bem pouco tempo atrás, não traziam as medidas, somente os elementos que entravam na receita, no processo de confecção do alimento e até mesmo o próprio processo não dava detalhes de tempo ou temperatura. As receitas eram somente um lembrete para quem já sabia trabalhar e esse “segredo” era passado dentro da família (mãe para filhas e noras e netas) ou dentro da mesma classe de artesãos (mestre cozinheiro para aprendizes); assim, a receita de preparo da carne de porco que utilizamos para base de nosso texto também não trazia quantidades e era do tempo da Dinastia XXII dos reis do Egito.

Notícias da Comunidade

- 1) *Orações vespertinas* – Padre Andraus convida todos a assistirem as orações vespertinas, na Igreja Santa Maria, diariamente às 18:00 horas, exceto aos domingos.
- 2) *Foi eleita nova diretoria para a Liga das Senhoras da Igreja Santa Maria* – Presidente é Vilma Sabha Almazi, vice-presidente é Marie Rose Setrak Sowmy, 1ª Tesoureira é Leila Abdalla e 2ª Tesoureira é Jacqueline W. Bustamante.
- 3) *Convite* – A nova Liga das Senhoras, dando continuidade aos trabalhos da diretoria anterior, convida todas as jovens e senhoras de nossa comunidade a colaborarem com os serviços sociais que estão em desenvolvimento. Adesões são bem-vindas e devem ser comunicadas com Vilma Sabha Almazi ou Marie Rose Setrak Sowmy.
- 4) *Orações vespertinas da Quaresma* – Todo domingo, às 18:00 horas na Igreja Sirian Ortodoxa Santa Maria.
- 5) *Semana Santa* - Neste ano de 2017, o Oriente e o Ocidente, coincidentemente, comemoram juntos a Semana Santa e a Páscoa. A Semana Santa inicia com o Domingo de Ramos pela manhã de 9 de abril e a Vigília das 10 virgens é à noite desse mesmo dia. A Páscoa será comemorada um domingo depois, 16 de abril. Próximo ao dia 9 de abril, a Igreja Santa Maria distribuirá a programação. *Aguarde!*

lok^h morio qorenan

حب منہا منہ

to la'ud^hëronan

۱۵ ححه و زب .

děho bíxo ba^dSnio'ut^he

۱۵۱ | صفا جہانچہل۱۵۲.

xag^hexo laverit^ho

میرزا حسن خان

ármí hárho bet^h maleke

اَوَمَنْ يُنْفِقْ حَسَنًا مِّمَّا كَفَرَ

xeg^hax daione

میں قتل۔

u en má^dSio of lag^hevaio

ہاں، مہربان اف حضرت

ma^dTe'e akh daket^hiv

مجلسه ام، جلسه.

mekil mor bemanu net^hgáuas

محکمہ مذہب و خصلہ

elo en bamrahemonut^{hok^h}

إلا أن حمد بن محمد.

ba^dTeloi levíxo menan

حکومت کو حصہ ملے

beníxo da^dSlivok^h.

حصصہ: ۱۰ حصہ

حاجات وحقا وبعلا مسعلا وحبلا مبعلا ههوللا لؤيلا مهحلا - زحلا وئلا وسم سمعلا حعلا (وئعكم). هلا
لؤه م)

مخللہ سے کام لیں۔

وَيَوْمَ يُنْفَخُ السُّجُودُ مِمَّا فَوْقَ رُءُوسِهِمْ لِيَنْظُرَ اللَّهُ فِي السُّجُودِ. وَنَحْنُ نَقُصِّرُ عَنْ عَمَلِكُمْ وَالْخَالِئِينَ عَلَى الْأَرْضِ وَالْحُلُمَاسِ. وَأُولَئِكَ هُمُ الْمُفْلِسُونَ. وَيَوْمَ يُنْفَخُ السُّجُودُ لِيَنْظُرَ اللَّهُ فِي السُّجُودِ. وَنَحْنُ نَقُصِّرُ عَنْ عَمَلِكُمْ وَالْخَالِئِينَ عَلَى الْأَرْضِ وَالْحُلُمَاسِ. وَأُولَئِكَ هُمُ الْمُفْلِسُونَ. وَيَوْمَ يُنْفَخُ السُّجُودُ لِيَنْظُرَ اللَّهُ فِي السُّجُودِ. وَنَحْنُ نَقُصِّرُ عَنْ عَمَلِكُمْ وَالْخَالِئِينَ عَلَى الْأَرْضِ وَالْحُلُمَاسِ. وَأُولَئِكَ هُمُ الْمُفْلِسُونَ.

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ - مَعْلَم، ❖

HISTÓRIA DA IGREJA

ܡܚܠܬܐ ܕܝܗܝܬܐ ܕܝܥܪܥܐ

ܠܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.
 ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.

ܐܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.
 ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.
 ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ. ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.
 ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.

ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.

ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ.
 ܕܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ 1995.

ܡܚܠܬܐ ܕܝܗܝܬܐ ܕܝܥܪܥܐ

ܡܚܠܬܐ ܕܝܗܝܬܐ ܕܝܥܪܥܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

ܡܚܠܬܐ ܕܝܗܝܬܐ ܕܝܥܪܥܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

ܡܨܥܝܬܐ ܕܡܨܥܝܬܐ

תלמוד בבלי

אֲמַרְנָא דְּכִינְיָא דְּמִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 וְאִנְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא

מחבר: ר' יוחנן בן זכאי

מחבר: ר' יוחנן בן זכאי

וְאִנְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא

מחבר: ר' יוחנן בן זכאי

מחבר: ר' יוחנן בן זכאי

De S. Isaaci Ninivitae – Vita, Scriptis et Doctrina. Louvain, 1892.

מחבר: ר' יוחנן בן זכאי

דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא
 דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא דְּחִינְיָא